

MATTOS, Regiane Augusto de. **História e cultura afro-brasileira**. São Paulo: Contexto, 2012.

REIS, João José e GOMES, Flávio dos Santos Gomes. **Liberdade por um fio** – história dos quilombos no Brasil. São Paulo: Companhia das Letras, 2012.

REIS, João José, SILVA, Eduardo. **Negociação e conflito**: A resistência negra no Brasil escravista. São Paulo: Claro Enigma, 1989.

RÜSEN, J. **História viva**: Teoria da História III: formas e funções do conhecimento histórico. Brasília: UnB, 2007.

SANTOS, Marlene Pereira dos. A população negra no Ceará e sua cultura. **Revista África e Africanidades**. Ano 3, nº11. Novembro de 2010. Disponível em: <[http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010\\_01.pdf](http://www.africaeaficanidades.com.br/documentos/01112010_01.pdf)>. Acesso em: 10 jul. 2019.

VILELA, Túlio. Os quadrinhos no ensino de História. In: IN: RAMA, Ângela.; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2006.

VARELA, Cícero Soares. Ensino de História, HQ e cangaço: usos e possibilidades em sala de aula da HQ Lampião em quadrinhos, de Ruben Wanderley Filho. IN: **X Semana Nacional de História CFP/UFCG**: Fazer/Ensinar história(s): Possibilidades e desafios da diversidade cultural. Anais eletrônico. Cajazeiras-PB, setembro de 2018. Disponível em: <[https://docs.wixstatic.com/ugd/4d02a6\\_6c8267df297344ee970bdb5c3826af8c.pdf](https://docs.wixstatic.com/ugd/4d02a6_6c8267df297344ee970bdb5c3826af8c.pdf)>. Acesso em: 20 jul. 2019.

VERGUEIRO, Waldomiro. Uso das HQS no ensino. IN: RAMA, Ângela.; VERGUEIRO, Waldomiro. (Org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de aula**. 3º ed. São Paulo: Contexto, 2006.

## **UM RELATO DE EXPERIÊNCIA: PET-HISTÓRIA E O ENEM.**

Fernanda Borges de Brito

Graduanda em História pela Universidade Federal de Campina Grande (UFCG-Campus I) e  
membro do Programa de Educação Tutorial do curso de História (PET-História).

fernandaborgesgpb@gmail.com

### **RESUMO**

O ensino nos anos finais das escolas, atualmente, traz para os alunos uma ideia voltada, em grande medida, para a preparação para o ENEM, dessa forma, tendo o intuito de enxergar o aluno como alguém que pode também refletir sobre os conteúdos e não apenas

absorver informações e que deve compreender o mundo a que pertence e com isso, buscar meios de transformá-lo, o PET-História propõe uma maneira reflexiva e politizada de tratar temas referentes ao exame. A partir disso, esse artigo se propõe a relatar a forma como foi trabalhada a temática relativa a “Nordestinos: xenofobia e problemas socioeconômicos da migração dentro do país”, presente na extensão realizada por esse programa da UFCG, em turmas do 3º ano do ensino médio da escola E.E.F.M. Dom Luiz Gonzaga Fernandes, localizada nas Malvinas, bairro periférico da cidade de Campina Grande, com o objetivo de refletir a prática pedagógica e social da abordagem.

**Palavras-chave:** Extensão ENEM; PET-História; Nordeste.

## INTRODUÇÃO

A experiência em sala de aula exige toda uma estrutura organizacional e institucional anterior ao momento da aula, diante disso, é necessário que o processo que propiciou esta experiência pedagógica seja explicitado. A gênese da atividade está no Programa de Ensino Tutorial do curso de História da Universidade Federal de Campina Grande, Campus I, que desde a sua concepção enquanto grupo ainda no ano de 2009<sup>5</sup>, passou a desenvolver atividades voltadas as escolas públicas da cidade.

O PET em sua concepção filosófica tem como objetivo principal a promoção de uma formação ampla e de qualidade acadêmica dos alunos de graduação<sup>6</sup>, nesse sentido, o grupo desenvolve atividades voltadas para pesquisa, ensino e extensão, unindo três dos principais eixos pautados pela Lei de diretrizes e bases da educação Nacional – LDB<sup>7</sup>, como finalidade da educação superior.

Todos os anos PET faz o seu planejamento anual incluindo atividades que envolvam essas habilidades. No caso desse artigo falamos da extensão, e esta, é realizada pelo programa em três frentes: nós possuímos atividades em duas escolas do ensino fundamental, uma no Assentamento do MST, o Oziel Pereira, no município de Remígio, a *Escola Mun. De Ens. Fund. Cidadã Integral Paulo Freire* e outra localizada na cidade de Riachão do Bacamarte, a *Escola Ens. Inf. e Fund. Manoel Joaquim de Araújo* que atende aos jovens da Comunidade Quilombola do Grilo, por fim, temos a extensão nas escolas de Ensino Médio, que ocorre em Escolas parceiras do PET na cidade de Campina Grande, no ano de 2018 a extensão ocorreu na *Escola Est. de Ens. Fund. e Médio “Dom*

---

<sup>5</sup> Catálogo 35 anos do curso de história da UFCG.

<sup>6</sup> Manual de Orientações Básicas – PET, 2002.

<sup>7</sup> Capítulo IV – Da educação Superior. LDB

*Luiz Gonzaga Fernandes*”, localizada no bairro das Malvinas na cidade de Campina Grande.

Diante disso, fica visível a intenção do grupo em realizar parcerias não só com a comunidade de Campina Grande, sua sede, mas também com outras comunidades nas quais possa contribuir. O processo de desenvolvimento das extensões é planejado em grupo, com o tutor, mas esse planejamento não se encerra dentro dos muros da universidade. Também com as escolas em que ocorrerem as extensões, são realizados contatos entre as partes e com isso podemos compreender as expectativas e também estabelecer as pretensões.

No caso das escola pertencentes ao assentamento Oziel Pereira e que atende a comunidade Quilombola do Grilo, o curso por nós oferecido, é na linha da educação do Campo<sup>8</sup> e Quilombola<sup>9</sup>, respectivamente, na busca de desenvolver com os alunos questões relacionadas a realidade deles, sendo para isso, construída uma pesquisa sobre a História dos movimentos Sociais no Campo<sup>10</sup> e da História do Povo negro no Brasil<sup>11</sup>, atividade que resultou em um módulo didático, que é utilizado nas aulas.

No caso da extensão para as Escolas Públicas de Campina Grande, nós buscamos na atuação adentrar nos 3º anos do ensino médio, tendo em pauta o Exame Nacional do Ensino Médio, o Enem, que assumiu nos últimos anos um grande protagonismo no que diz respeito ao acesso a Universidade, sobretudo a pública.

Nesse sentido, buscamos compreender como um norte aquilo que é cobrado na prova. Tendo as “*Competências e Habilidades*” como base para as escolhas temáticas das aulas, a partir disso cada petiano buscou temáticas que se aproximassem da realidade social da escola, como também do contexto brasileiro atual, nesse sentido, no ano de 2018 trabalhamos com temas referentes as seis competências, enfatizando neles pelo menos duas habilidades, produzindo para a utilização em sala o Módulo Didático Enem PET-História 2018<sup>12</sup>.

Diante de toda essa trajetória, o PET-História tem como princípio de seu trabalho, realizar um retorno para a comunidade daquilo que é investido na Universidade,

---

<sup>8</sup> Educação do Campo: Marcos Normativos

<sup>9</sup> Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Escolar Quilombola na educação básica

<sup>10</sup> Disponível no site do PET-História UFCCG

<sup>11</sup> Disponível no site do PET-História UFCCG

<sup>12</sup> Disponível no site do PET-História UFCCG

buscando em seu trabalho realizar uma participação na construção de uma coesão social, como é posto por Boaventura de Sousa Santos é necessário que a extensão seja voltada para *“uma participação ativa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural.”* (SANTOS, 2011).

Para além disso, há dois conceitos importantes para o grupo em sua ação, que também são expostos por Boaventura, a “pesquisa-ação” que é a articulação entre os interesses sociais e os científicos, realizando assim a satisfação de uma necessidade na comunidades através do trabalho de extensão na escola, ao qual os beneficiados não poderiam pagar para ter, em troca da oportunidade de estar atuando enquanto professor-pesquisador a que os petianos são possibilitados, realizando assim um estreitamento na relação universidade-comunidade.

### **CHEGANDO AS MALVINAS, CONHECENDO O AMBIENTE**

O bairro das Malvinas na cidade de Campina Grande atualmente é o maior do município, possuindo população residente maior que algumas cidades da Paraíba de acordo com o censo do IBGE de 2010, mas não é só isso, as Malvinas é um local de grande relevância histórica para cidade. A sua história tem características que em muito se aproximam aos anseios de Campina Grande no século XX, que no início do século buscava se industrializar e se modernizar, no ano de 1950, por exemplo, tivemos a instalação da Superintendência de desenvolvimento do Nordeste, a SUDENE, na cidade, instituição que tinha como principal objetivo incentivar a indústria.

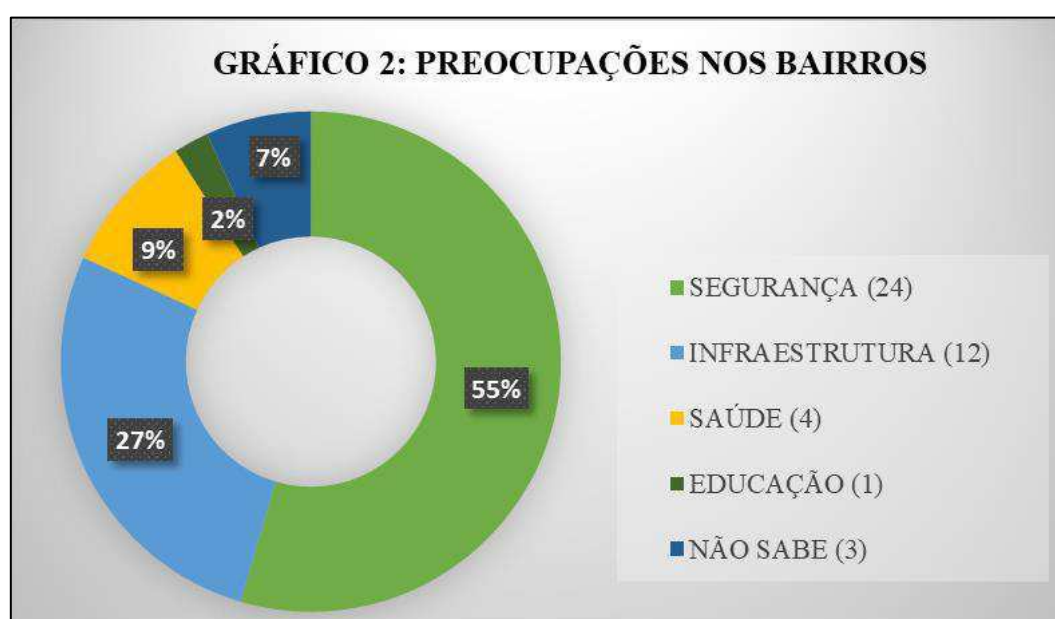
Com isso, a cidade cresce e passa a gozar em seu território de uma maior disponibilidade de empregos, o que encantava os olhos daqueles que buscavam uma melhor condição de vida, Campina Grande parecia uma boa oportunidade, devido a isso, o movimento migratório de outras regiões para a cidade se intensificou e com a grande quantidade de pessoas chegando, a cidade não possuía uma infraestrutura apropriada. Dessa forma, a população passou a residir em espaços vazios na cidade, o que levou a construção de um conjunto habitacional, para essas pessoas, o Álvaro Gaudêncio, entretanto, as obras pararam e a infraestrutura básica não foi implantada, apenas as casas. A população que em sua grande maioria vivia em casas alugadas se revoltou e em torno de 15 mil pessoas ocuparam as casas na busca por moradia, daí então a história do bairro teve início.

Sobre a realidade atual do bairro, levamos em consideração o que foi relatado por nossos alunos, impressões recolhidas antes de iniciarmos as aulas, por meio de um questionário elaborado por nós. A partir dele, percebemos que os alunos ali matriculados em sua maioria pertenciam ao bairro, como podemos ver no gráfico a seguir:



Fonte: Dados retirados dos questionários respondidos pelos alunos e recolhidos pelo PET-História UFCG.

Nesse sentido, compreendemos que entender o contexto social do bairro era de extrema importância para que pudéssemos nos aproximar ao máximo da realidade dos nossos alunos. Além disso, nos questionários também tentamos compreender quais eram os problemas que os alunos enxergavam em seus bairros. Levando em consideração todas as colocações dos alunos temos o gráfico a seguir:



Fonte: Dados retirados dos questionários respondidos pelos alunos e recolhidos pelo PET-História UFCG.

Diante disso, podemos perceber que os bairros em sua maioria compartilhavam de problemas comuns, como: falta de saneamento básico, coleta de lixo, violência, assaltos, problemas no atendimento a saúde, mobilidade urbana, entre outros. Com isso, percebemos que ao entrar na sala de aula, estaríamos diante de pessoas que passam por esses problemas diariamente e que através do conhecimento sobre esses problemas poderíamos propor reflexões importantes, sobre a sua realidade social, mas também sobre questões que são cobradas no Enem.

Essa pesquisa que fizemos sobre a história e a atualidade do bairro em que atuamos é importante para que em nossa abordagem na sala de aula não deixássemos passar as características do lugar social de nossos alunos, é importante que se conheça o seu contexto social, cultural e econômico, para que com isso consigamos chegar o mais próximo possível da sua realidade e fazer com que o assunto que estamos tratando não seja uma bolha de conhecimento sem ter uma fixação em sua realidade, essa nossa concepção parte do pensamento de Paulo Freire,

Preciso tornar-me, se não absolutamente íntimo de sua forma de estar sendo, no mínimo, menos estranho e distante dela. E a diminuição de minha estranheza ou de minha distância da realidade hostil em que vivem meus alunos não é uma questão de pura geografia. Minha abertura à realidade negadora de seu projeto de gente é uma questão de real adesão de minha parte a eles e a elas, a seu direito de ser. (2002, p.51)

Levando em consideração a ideia colocada por Paulo Freire, temos outros pontos que foram importantes para prepararmos as nossas aulas: a situação pessoal de cada aluno em relação a sua classe social, usando para identificar isso, as respostas dadas por eles as perguntas referentes ao trabalho de seus pais e a sua renda mensal, nesse ponto alguns não responderam especificamente, mas temos que: doze disseram ter uma renda mensal de um salário mínimo, seis de dois salários mínimos e dois de três salários mínimos, infelizmente não perguntamos sobre quantidades de pessoas em sua casa, o que poderia deixar a análise ainda mais rica.

Entretanto, tivemos uma boa ideia da classe social deles, por meio dos trabalhos nos quais seus pais desenvolviam, apareceram como resposta trabalhos como, por exemplo, motorista, doméstica, pedreiro, cabeleireiro, confeitaria, vidraceiros, operador de máquinas, professor e policial militar. Desse modo, pudemos perceber que são quase em sua totalidade filhos da classe trabalhadora, possuem um lugar social de luta pelo seu sustento e de seus parentes, esse lugar social foi visto também durante as aulas, ao se expressarem sobre sua realidade social, comentaram sobre a impossibilidade de pagar uma universidade particular e de se manter estudando, entre tantas outras problemáticas.

Além disso, temos na escola uma realidade, infelizmente, comum nas escolas públicas brasileiras: a de falta de recursos, somado a isso, para maioria dos alunos ela carece de uma infraestrutura melhor, mesmo sendo considerada pela maioria como boa e com uma grade de professores competentes, a maioria dos alunos relatou querer mais segurança e conforto.

Para finalizar a apresentação da nossa pesquisa com os questionários, temos umas das perguntas fundamentais para compreender a relação deles com a disciplina que por nós foi trabalhada, a História, nesse sentido, temos que em sua grande maioria disseram que gosta, elencando características que acreditavam caracteriza-la bem, entre estas temos: “importante”, “interessante”, “necessária para entender o passado e conhecer suas origens”. Por outro lado, um ponto apresentado também por alguns deles foi o de que é uma disciplina chata, cansativa e desnecessária, tendo diante disso relatos de não gostarem da matéria, outros colocaram a responsabilidade de se interessar pela História na forma como o (a) professor (a) lida com o assunto, ou seja, na sua maneira de ensinar e de ir ampliando as reflexões sobre as temáticas discutidas em sala.

## **DO PLANEJADO ATÉ O QUE FOI REALIZADO**

- **O conteúdo planejado**

A temática debatida por nós na escola atende a Competência dois do Enem que trata sobre “*Compreender as transformações dos espaços geográficos como produto das relações socioeconômicas e culturais de poder*” e a Habilidade de “*Analisar a ação dos estados nacionais no que se refere à dinâmica dos fluxos populacionais e no enfrentamento de problemas de ordem econômico-social*”<sup>13</sup>.

Para tratar desses pontos, foi planejado para nossa aula que fossemos do conteúdo de imigração internacional entre países, levando para os alunos o contexto crise migratória que ocorria na Europa, trazendo exemplos atuais, como a do menino turco encontrado morto em praia na Turquia<sup>14</sup> e as crianças que foram enjauladas pelo governo americano na fronteira do país<sup>15</sup>, na tentativa de aproximá-los da temática das migrações,

---

<sup>13</sup> Matriz de referência Enem.

<sup>14</sup>Fonte da notícia: <<http://g1.globo.com/mundo/noticia/2015/09/foto-chocante-de-menino-morto-vira-simbolo-da-crise-migratoria-europeia.html>>

<sup>15</sup>Fonte da notícia: <<https://www.cartamaior.com.br/?/Editoria/Antifascismo/EUA-Duas-mil-criancas-migrantes-enjauladas-e-separadas-dos-seus-pais/47/40655>>

tendo em vista que essas notícias estavam na ordem do dia no período em que realizamos estas aulas. E a partir daí passamos a contextualizar como ocorreram as imigrações no século XIX para o Brasil, buscando inserir o contexto nacional tratamos das migrações dentro do país a partir da industrialização do eixo Rio-São Paulo.

Passando por isso, tratamos da Xenofobia com exemplos de casos que já ocorreram, através de matérias jornalísticas de *sites* na internet, buscando compreender como esses vão acontecendo na sociedade e como transformam a convivência em comunidade complexas e difíceis. Após isso, tratamos sobre o processo que levou os nordestinos em grande medida para as cidades mais industrializadas do país, trazendo assuntos como a “Indústria da Seca”. Por fim, discutimos sobre a realidade que foi encontrada pelos nordestinos nas cidades grandes, atentando para o fato de que o que seria uma possibilidade de melhoria de vida, muitas vezes não se concretizava, passando assim a tratar sobre as condições de vida que eles tinham que enfrentar.

- **Do realizado**

As nossas aulas aconteceram em duas turmas da Escola Dom Luiz Gonzaga Fernandes, o 3º ano do ensino médio A e o B, entre as turmas havia uma diferença notável, em uma os alunos tinham em sua grande maioria a idade padrão para a realização do 3º ano, na outra podíamos ver pessoas mais velhas ou mesmo alunos mais “*bagunceiros*”, essa diferença foi notada no primeiro dia que fomos até a escola, na qual conversamos com eles, sobre quem eram e o que estavam indo fazer na escola, nesse mesmo dia entregamos e recolhemos os questionários utilizados neste artigo. Estes questionários foram analisados em conjunto por todo o grupo PET, para que todas as aulas atentassem para as singularidades dos alunos da escola.

IMAGENS 1 e 2: Primeiro contato com os alunos.



Fonte: Facebook PET-História UFCG

Nesse sentido, tivemos 90 minutos para desenvolver o assunto na sala de aula, iniciamos apresentando o tema das migrações nordestinas e passamos utilizamos da



música “Pau de Arara” de Luiz Gonzaga para fomentar o debate inicial sobre a temática, sendo está distribuída impressa aos alunos, para que acompanhassem a canção que foi reproduzida, a partir disso, amparados pela concepção de Paulo Freire (2002), começamos a questionar a letra da música, pedindo para que eles lessem trechos da canção e interpretassem a seu modo, respeitando o conhecimento que eles já possuíam sobre o assunto.

Diante disso, conseguimos realizar um diálogo interessante, em que eles foram contando sobre familiares que migraram, quando eles fizeram essa migração, se permaneceram lá, quais eram as condições que essas pessoas viviam lá, segundo o relato delas para seus parentes, entre outros pontos, conseguimos conversar com as duas turmas de uma maneira próxima, de modo que a partir desse debate conseguimos, introduzir o assunto. Utilizamos para dar continuidade a aula, o projetor de imagens com slides referentes ao assunto e também o módulo didático escrito por nós e que servia como auxílio para nossos alunos, buscamos então tratar inicialmente da imigração internacional, atentando para as questões que forçavam as pessoas a imigrar entre países.

Com isso, passamos a tratar mais especificamente da atualidade e dos discursos de Xenofobia, que estão presentes em grande medida nas redes sociais e também na realidade de muitos nordestinos que vivem em outras localidades, para isso levamos para sala de aula, trechos de mensagens de ódio na internet e em cartazes espalhados por essas cidades, além disso, reportagens que cobriam crimes realizados por xenofóbicos, neonazistas e racistas, na cidade de São Paulo. Diante desses matérias, abrimos o debate com os alunos sobre a questão prezando o diálogo com os alunos e as suas concepções sobre o assunto.

IMAGENS 3 e 4: Aulas realizadas.



Fonte: Facebook PET-História UFCG

Logo em seguida, adentramos no Brasil, tratando da imigração para o Brasil no século XIX e o processo de migração dentro do país que ocorreu no século XX a partir da industrialização no Sudeste brasileiro, mais especificamente, na cidade de São Paulo,

tratando do processo de decadência econômica do Nordeste e de como eram as relações sociais e econômicas da região, sempre realizando perguntas aos alunos em busca de que o diálogo entre professor-aluno permanecesse acontecendo na aula.

Trouxemos para a discussão também a questão relacionada a “Indústria da Seca”, colocando algumas características desta que havia contribuído em muito para que os nordestinos ao enxergarem a possibilidade de uma vida melhor não titubeassem na escolha pela migração. Para finalizar a aula, adentramos a discussão sobre como a cidade de São Paulo, recebeu esses nordestinos, tratamos com os alunos sobre as condições de vida, trabalho, moradia, saúde, educação, etc. buscando compreender o porquê que se gerou os preconceitos e o ódio contra os nordestinos, o que tratamos como xenofobia.

Fechando a aula, realizamos mais uma vez uma discussão acerca de como todos esses acontecimentos ao longo da história, influenciaram na vida cotidiana dos nordestinos residentes fora de sua região, trazendo características sociais e econômicas que as pessoas que saem do Nordeste enfrentam em cidades como São Paulo, ainda nos dias atuais. Levando em consideração o que coloca Paulo Freire sobre o conhecimento:

O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e em reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato. (FREIRE, 1983, p.16).

Focamos principalmente, em como os preconceitos enraizados na mentalidade da sociedade permanecem, em grande medida, intactos. E como a ideia de Nordeste, passa por questões diversas, desde ao orgulho que os nordestinos possuem, até os preconceitos que permanecem vivos, mesmo sendo atualmente um outro Nordeste. Quando muitos pensam na região, ainda enxergam as características da música de Luiz Gonzaga, que denunciou em grande medida a realidade nordestina de sua época, mas que acabou reforçando alguns desses preconceitos em suas canções.

## **DAS IMPRESSÕES: PARA ALÉM DO ENEM, UMA FORMAÇÃO ENQUANTO PROFISSIONAL**

Esta atividade tem em sua gênese a ideia de permitir ao petiano a oportunidade de se aproximar da profissão para qual esta se formando, levando-o para uma realidade a qual não está acostumado e que por vezes acaba sendo praticada apenas ao fim da graduação, levando em consideração a grade do curso de História do campus de Campina

Grande. Esse trabalho faz com que nós, estudantes de licenciatura passemos a nos enxergar enquanto professores e a enfrentar as diferentes realidades de uma sala de aula.

Entretanto, um dos pontos que elenco como principal, é o da buscar por fazer algo diferente do habitual, de sermos imbuídos a ser criativos e dinâmicos, a de pensar a educação como uma prática da liberdade e de constante aprendizado como é posto por Paulo Freire (1983), para além disso, a oportunidade fazer do conteúdo, algo interessante e que merece curiosidade, faz com que possamos nos sentir mais preparados no futuro ao exercer a profissão.

Diante disso, vemos que Déa Ribeiro Fenelon (2008) defende que para avançar em uma proposta enquanto professores de história é necessário que este assuma a sua responsabilidade social e política com o presente, seria, portanto, rompendo com a maneira tradicional de ensinar e enxergar a história, o que para ela significa,

[...] em primeiro lugar, o posicionamento no presente, para sermos coerentes com a postura de "sujeitos da história". Se queremos avançar nesta perspectiva temos de nos considerar como "produtores" nesta sociedade que queremos democrática e não como simples repetidores e reprodutores de concepções ultrapassadas. (FENELON, 2008, p.8).

Com isso, é importante notar que o PET-História nos dá a possibilidade de pesquisar como produtores de conhecimento na universidade e após isso e a elaboração do módulo didático ir até a sala de aula, compartilhar essa pesquisa com nossos alunos, mas não só isso, aprender com eles também, como já foi dito. Na escola buscamos estreitar os laços entre a universidade pública e a escola pública. Ainda sobre o nosso questionário, perguntamos sobre a vontade dos alunos em cursar uma universidade, de acordo com as respostas temos:



Fonte: Dados retirados dos questionários respondidos pelos alunos e recolhidos pelo PET-História UFCG.

Nesse sentido, sentimos como era importante passar para eles a importância da permanência da universidade pública, para que eles fossem até lá estudar e produzir conhecimento, mas também de impulsioná-los a ter o desejo de estudar lá, muitos relatavam sobre não ter como se sustentar em uma particular ou a necessidade de trabalhar para isso, a universidade deve ter formas de ser democrática e para todos, produzindo maneiras de auxiliar aqueles que buscam estudar, mas mesmo assim precisem garantir a sua renda familiar.

Para concluir, voltamos no ponto colocado por Boaventura de Souza Santos (2004), a universidade precisa caminhar junto a comunidade, quanto mais a comunidade tem proximidade com os projetos e pesquisas da universidade, cada vez mais esta vai se promovendo como um espaço público, para a construção de debates e de um espaço de interconhecimento, no qual os grupos sociais não estejam presentes apenas como aprendizes, mas também como parte ativa da formação do conhecimento. Além da necessidade desta, esta voltada primordialmente para a utilização em prol do social, projetos como o do PET-História se preocupam com essa questão, é por meio dessa e de outras extensões que conseguimos nos relacionar com a comunidade que paga os impostos para continuarmos nossas graduações e pesquisas.

## REFERÊNCIAS

**Catálogo 35 anos do curso de História - UFCG.** Disponível em: <<https://pt.slideshare.net/lucastadeu16718979/catlogo-35-anos-do-curso-de-histria-da-universidade-federal-de-campina-grande-19802015>>. Acesso em 26 de agosto de 2019.

**Cadernos didáticos do PET-História UFCG - Luciano de Queiroz Aires (org.).** Ano V – V. 1, n. 1. (jul/dez. 2018.) EDUFCG, 2018. 84p. ISSN – 2358-85-4971. Disponível em: <<https://drive.google.com/file/d/18VnQ9URpWMFft8u8K-kZkpw4ERpbQFzf/view>> Acesso em 26 de agosto de 2019.

FENELON, Déa Ribeiro. **A formação do profissional de História e a realidade do ensino.** Tempos Históricos; volume 12. 1º semestre 2008; p. 23-35. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/revph/article/view/12423>>. Acesso em 26 de agosto de 2019.

FREIRE, Paulo. **Extensão ou comunicação?** 7ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1983.

\_\_\_\_\_ **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25.ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, Coleção Leitura, 2002.

**LDB - Lei de Diretrizes e bases da educação Nacional.** 2ª edição. Atualizada em junho de 2018. Senado Federal. Disponível em: <[https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei\\_de\\_diretrizes\\_e\\_bases\\_2ed.pdf](https://www2.senado.leg.br/bdsf/bitstream/handle/id/544283/lei_de_diretrizes_e_bases_2ed.pdf)> Acesso em 26 de agosto de 2019.

SANTOS, Boaventura de Souza. **A universidade no século XXI: Para uma reforma democrática e emancipatória da Universidade.** 3ª Edição. 1ª Reimpressão. Editora Cortez, 2011.

## ENSINO DE HISTÓRIA E MÚSICA: CONFRONTAMENTOS ENTRE O PLANEJAR E O FAZER

Francisco Didier Guedes Albuquerque Junior  
(UFCG/CFP)  
didierjr0105@gmail.com

Orientador: Prof. Esp. Jefferson Fernandes de Aquino  
Ensino básico da Escola Dom Moises Coelho –Cajazeiras/PB